

Figueiredo condena os comícios

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente Figueiredo condenou ontem o "emprego maciço, flagrante e abusivo de recursos estaduais na promoção de comícios que têm o propósito deliberado de coagir o colégio eleitoral" — citando como exemplo o comício de Goiânia — e frisou que "a presença acintosa, nessas reuniões políticas, de organizações clandestinas, defensoras de ideologias repudiadas pelo nosso sistema legal, constitui in-

fração da ordem constitucional, que não podemos admitir".

O chefe do governo reiterou que desde a aprovação anistia defendeu e seguiu a linha da conciliação, "repelindo os extremismos e condenando os radicais", acrescentando que "por tudo isso, recuso-me a assistir impassível à preocupante e recente ameaça de ruptura dessas normas de comportamento político". O general Figueiredo criticou "o desrespeito demagógico à pessoa dos governantes" e disse que "a crítica, que se lhes faça, tem limite

nas regras de polidez e cortesia". Fora disso — continuou o presidente da República — "mais do que as pessoas atingidas, sofrem as instituições, subverte-se o princípio da autoridade, perturba-se a normalidade do convívio democrático".

A campanha da sucessão presidencial deve incorporar, no método e no conteúdo, elementos que a convertam em fator de fortalecimento e de estabilidade das instituições democráticas, acentuou o chefe do governo em seu discurso. Figueiredo afirmou ain-

da que assim como assegurou a posse dos eleitos em 1982, "garantirei o direito de voto no colégio eleitoral livre de pressões e de constrangimentos ilegais".

O presidente Figueiredo comunicou ao porta-voz Carlos Átila que faria o pronunciamento à Nação na tarde de terça-feira, em São Paulo, mas sua decisão pessoal fora adotada desde a véspera, após meditar sobre os conselhos que lhe foram dados pelos ministros militares, em reunião reservada

no Palácio do Planalto. Naquela oportunidade, conforme o Estado e o Jornal da Tarde anteciparam ontem, os ministros militares deixaram claro ao chefe do governo seu desagrado com os rumos do processo sucessório e os indícios de radicalização que estariam partindo da campanha do candidato oposicionista Tancredo Neves.

O pronunciamento do presidente Figueiredo foi redigido basicamente pelo ministro Leitão de Abreu, chefe do Gabinete Civil, levando em consi-

deração os argumentos dos ministros militares, e depois o submetendo, ontem pela manhã, à análise dos demais ministros da Casa, os generais Rubem Ludwig, chefe do Gabinete Militar, e Octávio Medeiros, chefe do SNI. Fontes palacianas acrescentaram que, ao examinar o texto, o próprio general Figueiredo fez várias observações e acréscimos do seu próprio punho "talvez como nunca antes". A gravação da mensagem ocorreu pouco antes das 15 horas, no gabinete presidencial do Palácio do Planalto.